



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7311 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 04 - Didática

A RELAÇÃO TEMPO-ESPAÇO NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NA SEMESTRALIDADE

Claudimary Pires de Oliveira - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A RELAÇÃO TEMPO-ESPAÇO NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NA SEMESTRALIDADE

Introdução

As dimensões tempo-espaço estão imbricadas numa relação indissociável no movimento do real e nas atividades humanas, dentre elas a escolarização dos sujeitos, que se configura como uma atividade essencialmente humana, que acontece por um período de tempo significativo da existência dos sujeitos e num lugar definido socialmente como escola.

Nas últimas décadas, as discussões sobre a educação têm se intensificado, em especial as relacionadas ao Ensino Médio que, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDBEN. Lei nº 9.394/96), suscitando debates acerca da sua identidade na sociedade contemporânea. Tal preocupação foi deslocada do acesso para o contexto da permanência na escola, evidenciada pelos índices de evasão e reprovação escolar, voltando-se para a realidade escolar em busca de elementos que indiquem as motivações que levam ao estudante desistir da escola e/ou permanecer nela sem aprender, o que leva à reprovação.

Nesse contexto, a proposta da semestralidade objetiva a reorganização dos tempos-espaços escolares, favorecendo as aprendizagens dos estudantes no Ensino Médio e consolidando conhecimentos que visam ao desenvolvimento do senso crítico e da autonomia intelectual (DISTRITO FEDERAL, 2014). Há também, uma preocupação em qualificar os tempos-espaços escolares em que a relação professor-aluno é realizada. Ressignificar tempos-espaços escolares, sugere repensar como a escola pode se organizar a fim de livrar os docentes das amarras que limitam sua ação didática, dentre elas a limitação do tempo cronológico das aulas com duração de 50 minutos e a centralidade no professor em sala de aula, desconsiderando outros potenciais espaços de aprendizagem, inclusive fora dos muros da escola.

O trabalho pedagógico realizado na escola de Ensino Médio, é organizado, historicamente, de forma fragmentada com ênfase no tempo cronológico e em espaços fixos

em que os conhecimentos são organizados e trabalhados de forma linear e segmentado em disciplinas por meio do trabalho parcelado e padronizado, justificado pela eficiência e produtividade, que se assemelha à organização capitalista do processo de trabalho (VILLAS BOAS, 2017).

Diante disso, é basilar que a escola perceba as novas configurações do tempo-espaço. Por considerar, a organização do trabalho pedagógico um dos elementos centrais para a sistematização do projeto da escola e da prática pedagógica, a forma como o ensino se organiza e se reorganiza para atender as demandas da escola a pesquisa intitulada **Reorganização do trabalho pedagógico no ensino médio do DF: relação tempo-espaço escolar na semestralidade** teve como questão norteadora: Em que medida a reorganização do trabalho pedagógico na semestralidade, em uma escola de ensino médio pública do DF, repercute em outra relação tempo-espaço de formação dos estudantes?, objetivando analisar em que medida essa reorganização do trabalho pedagógico na semestralidade repercute em outra relação tempo-espaço de formação dos estudantes.

Para tanto foram discutidos os elementos da organização do trabalho pedagógico que constituem a proposta da semestralidade no que concerne à relação tempo-espaço de formação dos estudantes; analisados os sentidos e significados constituídos pelos gestores, coordenadores pedagógicos, professores e estudantes, buscando compreender como a relação tempo-espaço de na semestralidade é construída no trabalho pedagógico da sala de aula.

A organização dos tempos-espaços escolares tem sido um dos dilemas da escola de Ensino Médio para tornar o processo de escolarização mais atrativo para os jovens que circulam por diferentes tempos-espaços sociais, presenciais e/ou virtuais, que possuem uma dinâmica que vai de encontro aos seus interesses, nem sempre ofertado pela escola.

É nesse movimento de preocupações que a pesquisa realizada buscou contribuir ao contemplar a realidade concreta de uma escola que vivencia, uma proposta alternativa de organização dos tempos-espaços escolares com a semestralidade. A investigação foi realizada numa abordagem qualitativa com pesquisa bibliográfica, análise documental e levantamento de dados que atende a pesquisa de campo do tipo estudo de caso numa perspectiva crítico-dialética. Para o levantamento de informações foram utilizados procedimentos/instrumentos: análise dos documentos e marcos legais da SEEDF e nacionais, entrevista narrativa, grupo focal e questionário com questões abertas e fechadas.

Os dados levantados nas entrevistas narrativas e nos grupos focais foram organizados e analisados à luz dos núcleos de significação (AGUIAR, 2015) a fim de apreender os sentidos e significados elaborados pelos sujeitos sobre e na realidade, que julgo ter coerência com a perspectiva crítico-dialética e com os procedimentos e instrumentos delimitados para a realização da pesquisa.

A relação tempo-espaço escolar na semestralidade

O binômio tempo-espaço traz consigo acontecimentos e atividades que ocorrem em um determinado tempo (período) num espaço específico (lugar). Existe aí uma relação indissociável entre as dimensões tempo-espaço. No Ensino Médio, os dispositivos que demarcam o tempo e o espaço das atividades realizadas estão ainda mais presentes e de forma mais controlada devido a subdivisão de disciplinas e do trabalho pedagógico, originado na pedagogia tecnicista, introduzida no Brasil na segunda metade do séc. XX.

Nessa lógica, o trabalho pedagógico costuma ser um ritual repetitivo, realizado mecanicamente por professores e estudantes. O uso didático desse tempo-espaço requer uma mudança na forma como o conteúdo será trabalhado, cada professor, cada turma e cada

atividade devem apresentar um ritual próprio (VILLAS BOAS, 2017).

A familiaridade da escola com o sistema fabril, baseado fordismo, modelo de produção de mercadorias em massa, que está na base organizacional da escola moderna, garantia um tratamento uniforme do tempo e das atividades a serem realizadas, num ciclo repetitivo para a racionalização do tempo e da produção. Na escola a experiência temporal também se insere num universo ritmado com um relógio, cadenciado por sinais sonoros que definem um sequenciamento de atividades.

A estrutura temporal da organização escolar é extremamente exigente para os professores e estudantes, obrigando-os um ciclo coletivo e abstrato que não depende nem da rapidez nem da lentidão do aprendizado dos alunos (TARDIF e LESSARD, 2014), reproduzindo universo do mundo do trabalho, cadenciado como um relógio, onde tudo é medido, contado e calculado abstratamente: tal dia, tal hora, eles deverão aprender tal coisa. Descuidar-se dele pode ocasionar fracasso ou sucesso produzindo uma diferenciação escolar e, à posteriori social. Entretanto, o tempo escolar é também formador, porque organiza as primeiras percepções cognitivas da temporalidade e ajudam a internalizar a noção de exatidão, duração, aplicáveis à todos, constituindo assim, um tempo social.

A organização do conhecimento, do tempo e do espaço na escola são regulados pela linguagem do controle simbólico (BERNSTEIN, 1996), formas de se relacionar, pensar e sentir e de suas regras que definem por meio de códigos discursivos “o que”, “quando e por quanto tempo”, e “onde” deve ocorrer o processo educativo. Tais regras, em grande medida, não estão expressas no currículo escolar, portanto encontram-se oculto.

Silva (2011) considera, dentre outros elementos, a organização do espaço escolar como um dos componentes estruturais que ensinam aos estudantes certos comportamentos sociais “[...] o espaço rigidamente organizado da sala de aula tradicional ensina certas coisas; o espaço frouxamente estruturado da sala de aula mais aberta ensina outro tipo de coisas.” (p. 79). Ele aponta ainda que, o mesmo ocorre com o tempo, no qual aprende-se a pontualidade, o controle do tempo na realização de cada tarefa, dentre outras aprendizagens e apresenta o conceito de currículo oculto, nele os estudantes aprendem a atitudes, comportamentos, valores e orientações para o ajustamento social, por meio de normas, rituais e regulamentos.

Em tempos de mudanças tão significativas nas formas de ensinar e aprender, com a globalização e o desenvolvimento tecnológico, o binômio tempo-espaço toma outros sentidos e significações. As práticas realizadas de forma mecânica no interior da escola precisam ser repensadas para qualificar os tempos-espaços de formação.

Ponderações finais

De modo geral, a semestralidade ao provocar uma reestruturação curricular, instaurou um movimento de discussões e mudanças que repercutem não só na relação dos tempos-espaços pedagógicos. Uma nova relação começou a ser delineada abrindo uma brecha na estrutura rígida construída historicamente na escola, afetando o processo de ensino-aprendizagem e a auto-organização dos sujeitos nele envolvidos.

A análise dos dados sinalizou avanços que repercutem na relação tempo-espaço escolar: a disposição dos sujeitos para acolher o novo; o estreitamento da relação professor-aluno; o movimento instituinte de mudanças individuais e coletivas, a melhoria no desempenho dos estudantes e a aproximação com o currículo integrado. Foram evidenciadas algumas contradições e dificuldades: superar a dicotomia entre os regimes anuais e semestrais; desconstruir o significado atribuído ao tempo-espaço escolar como dispositivos reguladores; romper com a subordinação do tempo-espaço escolar ao currículo, dentre outras.

Percebe-se que, mesmo diante das adversidades e de suas limitações, a escola tem se configurado como um espaço de resistência para garantir o cumprimento do seu papel social aproveitando o espaço de autonomia que ainda lhe é permitida, para a construção de práticas que favoreçam a todos uma formação básica com qualidade social.

Apesar de ter uma organização controlada pelo tempo, por normas e regras, a escola é um espaço de pessoas, portanto sujeita a intervenções humanas, autônomas e imprevisíveis que são próprias da natureza humana. A escola encontra-se em processo em transição, de repensar concepções e práticas predominantes no modelo de organização do EM (anuidade e semestralidade), assim qualquer mudança que se queira instituir no interior da escola enfrenta resistências, mas também, aponta caminhos para qualificar ainda mais o trabalho pedagógico na semestralidade, a partir da instauração de outra relação tempo-espaço de formação dos jovens estudantes do EM para atender as necessidades humanas, e não limitá-las.

Referências

AGUIAR, W. M. J. D.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. *Núcleo de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 45, n. 155, jan- mar 2015. 56-75.

BRASIL, (1996). Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, 23 dez, Brasília.

BERNSTEIN, B. *A estruturação do discurso pedagógico: Classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. *Diretrizes para a organização do trabalho pedagógico na semestralidade: ensino médio*. Brasília, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução de João Batista Kreuch. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas (org). *Avaliação: interações com o trabalho pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2017.

Palavras-Chave: Ensino Médio, Organização Escolar, Semestralidade, Tempo-Espaço